

DELILLE, Maria Manuela Gouveia; RAMIRES, Isabel João (orgs.) – **Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Ricardo Jorge. Correspondência**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021, 406 pp. ISBN 978-989-26-1820-3 ISBN digital 978-989-26-1821-0 DOI <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1821-0>

Um livro modelar. Resultado do trabalho conjunto de uma filóloga, Maria Manuela Delille, e de uma bibliotecária, Isabel João Ramires, esta obra edita a correspondência de 1909 a 1925 trocada entre Carolina Michaëlis de Vasconcelos [1851-1925] e Ricardo Jorge [1858-1939], constituída por 71 cartas, bilhetes-postais, cartões e cartões de visita de Carolina Michaëlis, conservados na Biblioteca Nacional no espólio de Ricardo Jorge, e 60 cartas e um bilhete postal de Ricardo Jorge, coligidos no epistolário do espólio de Carolina Michaëlis pertencente à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e numa colecção particular posta à disposição das autoras por Carlos Michaëlis de Vasconcelos, bisneto de D. Carolina. A obra apresenta uma fixação de texto extremamente criteriosa, acompanhada por anotações que conciliam a erudição com a divulgação, capazes de guiar o leitor através das abundantes referências eruditas e das numerosas menções à ampla rede de personalidades com quem Carolina Michaëlis se correspondia. Integra uma «Lista cronológica» das cartas, uma «Tábua comparativa» da publicação da obra *Francisco Rodrigues Lobo. Estudo biográfico e crítico na Revista da Universidade de Coimbra* e na edição de 1920, a «Relação» da correspondência de Carolina Michaëlis de Vasconcelos já publicada e uma abundante Bibliografia que em muito ajudam o leitor. Contem mais de 750 notas de matéria nova e inovadora – que informam e que tornam a leitura das cartas agradável e fácil, porque não há autor, texto, evento, provérbio ou termo referido que não seja explicado em pormenor. As notas traduzem o escrúpulo, a curiosidade, a perseverança da investigação levada a cabo pelas autoras. Que se espelha também nos esquemas, quadros, imagens, fotografias, inscrevendo-se do ponto de vista temático numa área muito vasta que vai da crítica literária à História da Medicina. Valerá a pena recordar que Maria Manuela Delille tomou a cargo, desde 2009 (ou até um pouco antes), a organização do espólio de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, num projeto em conjunto com Isabel Ramires concretizado na publicação da sua correspondência erudita. Nas palavras sábias das autoras, inscritas na badana do livro, este «constitui um exemplo muito particular da chamada «correspondência erudita trocada»

desde há longo tempo entre estudiosos do mesmo ramo do saber. Na 2ª metade do século XIX, este tipo de correspondência, com a criação e desenvolvimento do correio postal, tornou-se especialmente frequente e é justo considerá-lo parte integrante do discurso científico das disciplinas de Ciências Humanas, nomeadamente das diversas filologias que se iam formando e institucionalizando durante esse período. Trata-se neste caso de uma troca epistolar no âmbito da história da literatura portuguesa, que, para além de constituir um valioso complemento da obra de Ricardo Jorge «Francisco Rodrigues Lobo. Estudo biográfico e crítico (da qual Carolina Michaelis reviu e corrigiu todas as provas tipográficas), abre novas perspectivas, não só quanto à época literária seiscentista na Península Ibérica, mas também em relação ao perfil humano, familiar, cultura e científico dos dois correspondentes e ao respectivo contexto sóciopolítico, cultural e literário das primeiras décadas do século XX.

Muito frequente no séc. XIX, este tipo de correspondência que, como frisa a introdução de Manuela Delille, “é justo considerar parte do discurso científico das várias disciplinas”, encontra-se na sequência de uma longa tradição que comporta desenvolvimentos muito particulares no Renascimento e na formação da «República das Letras» - na sua vocação internacional, como forma de circulação de saberes que ultrapassavam, muitas vezes, fronteiras geográficas, religiosas e políticas-, nas diferentes orientações das Luzes europeias. No século em causa, e neste caso particular, reveste-se de uma importância muito especial para compreender o processo de desenvolvimento da Filologia Portuguesa, da própria ciência linguística e da Linguística Românica nascente.

Pelas cartas ficamos a conhecer o perfil científico dos dois investigadores, uma filóloga e um médico especialista em epidemiologia, que se ocupava de Literatura. Ricardo Jorge, que, como é sabido, lidou com um contexto europeu de saúde pública verdadeiramente difícil – para nos referirmos apenas aos anos desta correspondência, a cólera em meados de 1910, em Dezembro de 1917 a epidemia de tifo no Porto, a pneumónica em 1918 –, tempos muito complicados para quem tinha como missão a promoção da saúde pública e a melhoria de condições sanitárias do país, e que padecia também de uma doença, uma espécie de colite, que as notas que acompanham esta publicação detalham e que o obrigava a grandes períodos de repouso. Esses tempos permitiam-lhe dedicar-se aos estudos literários, embora afirme e reafirme, por exemplo em carta de 21 de Dezembro de 1914: «Não sou, não tenho a veleidade de querer ser um profissional das letras. Gosto e aprecio as coisas portuguesas, e a elas me entrego,

como agradável distração, nos curtos lazeres de uma vida entregue a outros exercícios. Nunca daí passaria se não foram os incidentes duma enfermidade inexorável; para escapar espiritualmente à sua tirania dolorosa, para vencer por um esforço de vontade a aniquilação mórbida, é que me entreguei à feitura do Roiz Lobo – quando v. Ex^a me animou a prosseguir, ao dar-lhe conta de uma trouvaille. Se não foram esses meses de doente, nunca tal livro se geraria». (p.152). Esta troca de correspondência começou em 1909 com o pedido de opinião que o médico formulou sobre um seu trabalho de 1908 dedicado a Amato Lusitano e foi adquirindo contornos de maior proximidade entre os anos de 1913 a 1918, durante a revisão e correção de provas que D. Carolina fez do estudo, ainda hoje fundamental, de Ricardo Jorge dedicado a *Francisco Rodrigues Lobo*. A obra saiu na Revista da Universidade de Coimbra entre 1913 e 1918 e a monografia viria a ser publicada em volume em 1920, com dedicatória a Carolina Michaëlis que agradece – em cartão datado de 5 de março de 1920 (p. 306): “Chamo feliz ao Lobo que tal biógrafo teve! E chamo-me feliz por V. E. me ter dedicado a sua obra magistral”.

A leitura das cartas conduz-nos, como sugere Manuela Delille no estudo introdutório, à dinâmica da construção de conhecimento de Ricardo Jorge sobre Rodrigues Lobo. Espreitamos as dificuldades de uma investigação cuidada: para além da pesquisa de arquivos da Universidade de Coimbra, Ricardo Jorge tinha começado por estudar e apreciar as élogos deste discípulo de Camões, cuja poesia Teófilo Braga tinha muito injustamente desqualificado, contribuindo para juízos que, por longo tempo, permaneceram nos paradigmas de apreciação da chamada poesia seiscentista. Ricardo Jorge começa pelos poemas, passa para os «livros de pastores», usando a designação mais comum, «novelas pastoris», sobretudo a trilogia *A Primavera* (1601), o *Pastor Peregrino* (1608) e o *Desenganado* (1614). As cartas evidenciam a atenção que Ricardo Jorge, secundado por D. Carolina, presta a este universo e que se estendem a obras ao tempo menos conhecidas de Eloi de Sá Sottomayor ou de Fernão Álvares do Oriente, que hoje incorporam o nosso escasso corpus de novelas pastoris, iniciado precisamente pela *Primavera*, em 1601, e terminado, tanto quanto hoje se sabe, em 1626 com *Campos Elísios* de João Nunes Freire. É muito estimulante seguir este percurso de interesse e ver como Ricardo Jorge vai descobrindo e admirando a *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo (1619), a nossa primeira obra integralmente dedicada ao comportamento na corte e fora dela, um conjunto de dezasseis diálogos que equacionam questões tão diferentes quanto

a importância da conversação – e também do silêncio –, os «ditos agudos», a importância e forma de contar histórias, os «destinos cortesãos». E, por isso, numa carta de 18 de Fevereiro de 1910, Ricardo Jorge regista numa fórmula absolutamente lapidar o seu apreço por Rodrigues Lobo: «Como prosador é incomparável. A *Corte na Aldeia* parece-me em tudo um primor» (p. 69) ou, então, em 30 de Março do mesmo ano: «Depois das pastorais o que me parece mais interessante estudar é a «Corte na Aldeia» (p. 74). Acompanhamos, nestas cartas, como se estivéssemos nelas implicados, a procura das diferentes edições, daquilo que Ricardo Jorge chama as «fontes» da «Corte na Aldeia» e que apelida de «trabalho espinhoso», percebemos a dificuldade em encontrar o «Aviso de Privados» de Antonio de Guevara, entramos neste diálogo epistolar, também feito de alguns silêncios, quando D. Carolina pergunta se Ricardo Jorge sabe como chamou Gracián à obra, e ambos parecem sabê-lo embora não o registem - «un pequeño libro mas eterno» – de referências, apelidando Teófilo Braga de «invencionismo e fantasismo», e várias alusões a muitos textos dos séculos XVI e XVII que mostram a erudição de Ricardo Jorge sempre estimulada por D. Carolina. O leitor acompanha, assim, este diálogo entre intelectuais que falam de projetos de trabalho, de estudos de textos, de edições, de autores, de Arquivos e de Bibliotecas. Que falam de obras literárias. Que falam, em suma, da língua portuguesa. Parece haver algum ascendente intelectual de D. Carolina, que já em 1909 é uma filóloga e erudita reconhecida a nível internacional. É também oito anos mais velha do que Ricardo Jorge. No início da correspondência, nota-se o carácter cerimonioso, formal, distante da sua relação. Como assinalam as autoras da obra, trata-se sobretudo de pedidos de opinião e de informação sobre palavras, obras, autores, críticos e períodos literários que Carolina Michaëlis atende e a que responde com pormenor, fazendo apreciações das propostas de Ricardo Jorge que agradece efusivamente a ajuda. Persiste alguma assimetria na comunicação entre ambos. Como sublinha Manuela Delille, D. Carolina é “uma mestra venerada e incondicionalmente admirada” e Ricardo Jorge “discípulo atento que agradece a preciosa ajuda”. Reconhece diversas vezes as vantagens do apoio de Carolina Michaëlis; por exemplo (p.77) na carta de 2 de Maio de 1910: “Mais uma vez se confirma – em meu proveito – o ditado de *quem a boa árvore se chega...* Estou trabalhando á sombra protetora de V. Ex^a e sob o seu estimulante influxo.”, passo que pode servir como exemplo da aturada preocupação das autoras em explicar todas as ,passagens menos evidentes: “Quem a boa árvore se chega, boa sombra o cobre”, conforme Rafael Bluteau

(1638-1734) - «Adágios portugueses da sombra». In vocabulário português & latino. Volume VII. Lisboa: na Oficina de Pascoal da Sylva, 1720, p.715.).

Encontramos nas cartas da ilustre filóloga temas muito diversificados. Repetidamente, os textos e a língua portuguesa da Idade Média e do século XVI. Incidência nas referências a Camões, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, à literatura medieval, até a poetas menos conhecidos como Alfonso Alvarez de Villasandino, segundo D. Carolina o extravagante, mas talentoso parasita da corte de D. Juan II, representante tardio da antiga escola galego-portuguesa de quem há numerosas cantigas-pastorelas no Cancioneiro galego-castelhano de Baena. (Nota 1340-1350-1424). Estudos sobre o Romancero Peninsular e Romances velhos em Portugal. Notas e explicações sobre métrica. Nas cartas de D. Carolina, surgem amiúde estas preocupações de filóloga, de esclarecer com minúcia pormenores de formas, de palavras: à pergunta de Ricardo Jorge sobre o eventual carácter castelhanizante de duas formas (espanholismos?) explica em carta de 8 de Setembro de 1910 “ogano foi usado cá em tempos antigos. Se V.E. desejar alguns exemplos fornece-lhe”. Na carta de 13 de Setembro de 1910 assinala dois exemplos de “ogano”, um de D. Denis (nota 2, p. 104) e outro de um trovador do cancionero da Ajuda “ogan'en Mũimenta disse don Martin Gil. - reproduz o verso do trovador, mas não o de D. Dinis (pp.101-104 e nota 2 desta obra) . É frequente a pesquisa sobre formas arcaicas: “leixou”, “trouve”, “dixe”, “ca”, “sicais”. Quando Carolina Michaëlis fala de etimologias muito curiosas – por exemplo, a propósito de um livro de Caça (Mestre Giraldo: tratado das enfermidades das aves de caça.), acaba por confessar: “E não faz ideia – ou talvez saiba? – como essas investigações minúsculas de fonologia, morfologia e semasiologia podem enleiar um espírito míope como o meu. – É muito mais interessante do que os romances e os dramalhões mais românticos” – Às vezes prefiro os trabalhos puramente filológicos aos literários em que resolvemos ideias...ou problemas bibliográficos”. A que Ricardo Jorge replica: «ainda bem que V. Ex^a não teve mão em si que não a explorasse. Lidar com lexicologia deve ser mais grato do que...lêr pastoraes. Há dois meses que as aguento e folheio quotidianamente. «Conversam» ambos sobre temas vários: em carta de 13 de Março de 1924, D. Carolina regista a necessidade de estudar a obra de Leão Hebreu, Uriel da Costa, Spinoza e de efetuar uma tradução portuguesa: “se eu fosse portuguesa de nação fazia-a do Uriel, e Spinoza e Juda Abravanel”. Ricardo Jorge percebe o desafio e concorda (pp. 348-349, 13-III-24, RJ 59 6-4-24): «A dívida para com o Leão Hebreu, o Uriel e o Espinosa,

por parte de portugueses, está a reclamar o saldo. Muitas vezes pensei nela, mas faltou-me o melhor. O tempo foge-me;”..

À medida que prossegue, o leitor percebe que as cartas ficam mais «humanas»; a correspondência fica mais próxima e mais espontânea; estão quase sempre de acordo, quer na ciência quer em aspetos sociais e culturais. Na carta de Carolina Michaëlis de 3 de Fevereiro de 1923, por exemplo, depois de anunciar o andamento de diversas obras suas, aprecia o estudo “magistral” de Ricardo Jorge sobre o Óbito de D. João II e afirma “estou de acordo com a sua opinião” e adiante novamente (p. 335): «para que V.Exª veja que também caminhamos na mesma direção, no nosso pensar sobre o nobre trabalhador [Braamcamp Freire], que tanta falta faz. Quem o substituirá?» Mas, para além de partilharem simpatias, coincidem nas antipatias. E mantêm uma antipatia particular por Teófilo Braga, justificada pelas suas falhas científicas e humanas. Em carta de Carolina Michaëlis de 7 de dezembro de 1916, enumeram-se as falhas de Teófilo na edição crítica do Cancioneiro da Vaticana (p.239), que motivam a resposta concordante de Ricardo Jorge, em carta de 18 de janeiro de 1917 (p. 241) “Tenho a imprimir os malfadados artigos que me vi obrigado a escrever sobre aquele monstruoso Theóphilo” e enumera: “a crítica duríssima que lhe fez Aubrey Bell na *Modern Language Review*...” trago á colação as malfeitorias e disparates do padre-mestre. A colheita foi fecunda, mas estou certo que não é o decimo nem o centésimo das suas bernardices. V. Exª tem sido uma das maiores vítimas dos latrocínios do Teófilo Braga. Lembra-me do Sá de Miranda, mas há certamente muitos mais poderia indicar-me os principais e adicionar aqueles de que se lembre. O que puder indicar-me para a história burlesca e para os erros crassos do sujeito, muito lh’o agradeceria. Trata-se d’uma obra geral de justiça que é preciso levar a cabo.” Em resposta, igualmente de janeiro de 1917, Carolina Michaëlis diz nem saber quantas páginas dos volumes publicados durante os últimos 20 anos por Teófilo Braga se baseiam nos seus estudos e reitera: «É certo, certíssimo, que pertenco ao número das vítimas de Teófilo Braga. – Mas a meu ver ele nunca me plagiou. A sua maneira de explorar os meus trabalhos foi animosa, injusta, illogica. Cheio de preconceitos ele nunca se empenhou em apurar a verdade. Nunca confessou que se enganara. Nunca expos francamente o conjunto das minhas ideias. Torcendo os factos ...aproveitou apenas minúcias, pormenores insignificantes. E essa falta de honesta veracidade, esse procedimento desleal repugna-me» (p.245). Completa a crítica em carta de 18 de fevereiro, indicando 4 autores que se tinham queixado publicamente de

plágios de Teófilo Braga. Sylvio Romero, Jordão de Freitas, Braamcamp Freire, Delfim Guimarães e ainda as críticas de Epifânio Dias.

Estes são apenas alguns exemplos dos muitos motivos de interesse que esta correspondência congrega. Espelho de um tempo, não ignora, como se registou em relação a Teófilo Braga, considerações sobre «oficiais do mesmo ofício», às vezes relevando de uma sensibilidade muito particular: a falta de agradecimentos, quando se emprestam livros, se cedem informações. Ainda que discretamente, D. Carolina queixa-se de Menendez y Pelayo que, «sempre gentilíssimo», aproveitava sistematicamente dos resultados alheios, limitando-se a uma breve nota de pé de página (p.100). E um amplo conjunto de anotações esparsas que ajudam a perceber uma época: o desejo de Carolina Michaëlis de compulsar a 1^o edição da

de Jorge Ferreira de Vasconcelos, que integrava a «livraria» Palha e que Ricardo Jorge não conseguiu que fosse enviada pelo correio (pp. 93 e 95), apesar dos muitos pedidos, a sugestão (p. 99) de que a Biblioteca Nacional adquirisse uma máquina fotográfica moderna (americana), as questões do «espanholismo» Um manancial de informações, editado de forma primorosa, de que nos permitimos, para finalizar, destacar, pela atualidade, uma Carta sobre a pandemia, numa Mensagem de Ano Novo: 2 de janeiro de 1920.” Desejo a V. Ex^a em companhia dos seus um ano a trasbordar de felicidades. – Sim, melhor do que o outro ao menos, para o que não é preciso muito.» (p.303).

Clara Barros

(FLUP – CLUP)

Zulmira Santos

(FLUP – CITCEM)

<https://doi.org/10.21747/0873-1233/spi28r1>